

*Betty Milan*

**O PAPAGAIO E O DOUTOR**  
*(ficção)*

## I

### Onde a heroína vai ter com o grande homem na França

Por onde no entanto começar? O Doutor teria me dito imperativamente que o fizesse:

— Diga, minha cara.

Mas é para não mais responder aos imperativos do grande homem, dele me separar, que eu devo aqui lembrar o ocorrido. Queira ou não, eu disso dependo para descobrir o que ainda me amarra.

Que eu o quisesse como analista, ele logo percebeu. Da primeira vez que fui vê-lo na França. Chegava de Açu para lhe entregar uma carta de conterrâneos meus pedindo que ele nos enviasse um emissário ensinar a sua arte — um seu colega francês. Ora, por que levar a carta pessoalmente se eu podia expedi-la pelo correio? Valia-me desta a fim

de me levar. Era lógico, portanto, ele me considerar o seu futuro emissário em Açú.

Assim, interpretando a minha mensagem, recebeu-me, vislumbrando terras de bons ares e águas infindas, onde em se plantando tudo dá e o melhor fruto seria a instrução da sua gente.

Verdade que de imediato não podia haver entendimento por ser outra a sua língua, mas eu, Seriema, lá estaria para traduzir. Bastaria implantar a bandeira do Inconsciente, para ver o novo saber fecundando aquela *Terra degli Papagá*, aí ensinar os limites da liberdade e o alcance da castração, reafirmar a existência do *id*, mas já disseminar o *ego* e o *superego*, em suma, transformar o país quase continente, de ponta a ponta todo praia, formoso a estender os olhos, num incomensurável chão freudiano.

Sim, o Doutor me vendo sonhou, com fome de Pantagruel. Quem ia bancar o sonho obviamente era eu. Bem verdade que só poderia entregar o equivalente a vários cachos de banana de ouro maciço, porque no passado os meus fizeram de si burros de carga, cem quilos na cacunda até o sangue e o pus, mascateando de sol a sol e de porta em porta. Isso claro eu não ia dizer ao grande homem. Cartão de visita? Ora, omitir simplesmente a história dos que largaram do Cedro para fazer a América, a saga dos avós, os

“turcos” de Açú, também ditos *come-gente*, os que na França teriam sido apenas *arabes* entre os *arabes*.

Podia não querer tal passado esquecido? não evitar a alcunha que a nacionalidade dos ancestrais me valia? Se não era dita *come-gente*, não deixava de ser uma turca, ainda que merecesse às vezes ser chamada de turquinha. Ia eu me apresentar revelando as origens? Seria exibir de saída o que desde sempre me empenhava em ocultar, não padecer do mal de ter que dissimular a história, em suma, não ser eu quem era.

Que o Doutor vislumbrasse as praias e as palmeiras, me tomasse por uma nativa filha de nativos. A sua fantasia então não me conferia a ascendência que eu desejava? Não dava a ilusão de ser uma açuana que nada tivesse a ver com a imigração? Uma ilusão imprescindível — e não porque eu amasse a terra natal, onde me formara entre conterrâneos que tudo dariam pelas quatro estações, por um outro país no qual “não sendo perene, o verde seria um bem”, o povo se expressasse numa língua sintaticamente perfeita, sem neologismos ou estrangeirismos, e “a cultura não fosse a do batuque”.

Que o Doutor sonhasse e, de uma neta de imigrantes, fizesse uma açuana secular. Me trocasse ele a malfadada identidade.

Onde o Doutor surrupia a  
tática de Seriema  
Evocação de Hila, a avó paterna

O fato é que o Doutor viu na carta dos conterrâneos um pretexto para dele me aproximar e deduziu logo que, sem saber, eu ali estava porque desejasse uma análise. Mas isso Xan não podia dizer. Indicar de saída o que a futura analisanda queria ignorar seria correr o risco de perdê-la. O grande homem não era de se precipitar e me levaria ao que contava, se valendo exatamente da mesma tática que eu — usando a carta como pretexto para me fazer voltar no dia seguinte e falar.

Leu, dobrou com cuidado e depois insistiu em que lá fosse novamente, especificando por escrito as condições do convite ao emissário. Serviu-se da missiva para me dar a

possibilidade de fazer o pedido que eu não ousava: o de me analisar. Entrou no meu jogo para mudar o rumo do mesmo, fez de conta que o convite dos açuanos o interessava para me induzir a tirar a máscara. Um artifício sem o qual eu certamente não teria me transplantado para a França, país muito frio para quem cresceu de tanga e descalça como um curumim.

— Até amanhã nessa mesma hora, finalizou ele, guardando a carta.

— Às cinco horas?

— Sim, e não deixe de me trazer tudo por escrito.

Ai o Doutor, ai a hora, ai eu para e por ele. O grande homem eu já queria, e não o emissário! Sim, com ele me abrir, pensava, sem saber que era para mais me fechar que acabaria no seu divã de veludo encarnado.

Dia seguinte foi entrar e ouvir *minha cara*, para encenar o drama que eu supunha ser o verdadeiro: ter sido expulsa de uma multinacional psicanalítica que, embora sediada na Inglaterra, imperava na minha província como outrora a Inquisição, indicando os eleitos e diferenciando os bons dos mistificadores pela quantidade de submissão explícita.

O busílis, claro, não era a tal multinacional. Mas eu lá estava para encarar a verdadeira questão? Não, queria

o Doutor precisamente para escamoteá-la e escapar ao veredicto dos ingleses dos quais eu dependia não só para ser analista, mas para ser ou não, tal era o descaso pelo meu país. *To be e not tupi*, se não, para enfatizar:

*Never, never tupi-*

niquim,

guarani,

nambá.

Açu, a mal-amada

terra de Açu!

Me separar dos doutores todos, ingleses, franceses e quantos mais. A questão nunca foi outra, porém, o homem não estava ali para me desmentir, negar que o xis do problema fosse a dita expulsão. Puxar o meu tapete se a meta dele era primeiro me fisgar?

— Ah se você soubesse, minha irmã. O seu drama foi o meu. Mais do que expulso, excomungado, exatamente como Espinoza! A punição suprema, o banimento sem volta, como se a comunidade analítica fosse uma igreja e religiosa esta nossa prática, acrescentou ele, ainda escandalizado com a própria sorte e já me dizendo:

— Até amanhã.

Cada palavra uma hóstia, o *amanhã* que soou como o Ângelus. Uma grande vítima, ele, o excluído, o caçado, o amaldiçoado. Que o homem fosse maldito durante o dia, a noite, o sono e a vigília; pudesse a comunidade inteira nunca mais o perdoar, ele não mais falar em nome dos psicanalistas e o seu nome ser esquecido. Deus meu! e era completa agora a adesão ao Doutor, em cuja honrosa companhia eu me pavoneava como uma autêntica judia do saber, aliada natural dos dissidentes todos do planeta — marxistas rompidos com o Partido ou cristãos contrários à Igreja.

Um pixote na entrada, eu, Seriema, havia me tornado toda valentia! Açú não era a Mancha, mas eu já empunhava fervorosamente uma adaga e uma lança. Dom Quixote de Açú, para combater os inimigos do Doutor! Madrugaria, lia os textos até secar o cérebro, se preciso fosse, para arrasar quem dele se aproximasse e não o reconhecesse de imediato como de todos o maior. O incomparável Doutor Xan! Lutar até a rendição completa, a conversão ou o banimento dos adversários. Disso já resultava uma outra classificação da espécie: os perversos, os conversos e os submersos, e assim foi que, desligando-me do pragmatismo inglês, me entreguei numa vertigem classificatória aos ventos novos do racionalismo francês. Nunca *tupi* e nem *to be*.



O fato é que, pela nova aliança, estava dado o passo decisivo para me tornar “analisanda”. Sim, é bem esta a palavra, e não “paciente”, como precisava Xan nos seus seminários. A paciência então não era dele? de quem devia esperar o momento certo de intervir, além de ter que dissimular o espanto e se calar quando contrariado? Analisanda, portanto, e para sê-lo só faltava agora dizer o que eu mais queria: o homem como analista.

Por esta fantasia eu pagaria caro. Opção? Nenhuma. O Doutor era o meu Eldorado, e a procura deste lugar mítico, uma tradição dos meus. Disso eu não sabia e nem suspeitava. Tamanha a megalomania que em mim estava o começo e o fim, a história propriamente inexistia. Desvario ou determinação da tribo que se queria esquecida da travessia? Indagada sobre esta, a mãe do pai, Hila, só repetia: “Do Líbano para Açu, aos 14 anos, cinco filhos, porque *maktub*, estava escrito, e isso, minha filha, é tudo”. Mas era? Ora, Hila, isso obviamente tudo não era, e não foi pela nossa sacrossanta integração que você negou a história, mas para não ser a estranha entre os açuanos, a que havia deixado a própria terra ou havia por esta sido deixada. De *maktub* você se servia para se eximir da responsabilidade e evitar o remorso ou que o ódio do Cedro se abatesse sobre você. *Maktub* me custou o passado e me destinou à busca ilusória

de um ancestral que não tivesse cortado a raiz. Sujeitou-me ao Doutor.

Para que a história de negar a história seja sua, e não minha, eu tenha raiz e assim possa me separar dele, eu devo agora me opor a você e lembrar dos fatos, da largada e da travessia — eu então não ouvia contar? De que você emigrou por Jarja, o marido, todos nós sabíamos. Sim, ele já havia emigrado para Açu quando decidiu se casar com moça libanesa e foi você que o teu pai ofereceu. Por que não, Hila? A tua sorte arranjada entre os dois homens. À maneira árabe, que depois se tentou mesmo perpetuar. O fato é que você largou do Cedro para Açu, “país pobre, onde não se achava nada dentro, um tomate sequer, onde a fruta era pouca” — pouca por não ter pêra ou maçã. Só manga, goiaba, jabuticaba, maracujá, só, você dizia, sem se dar conta do impropério.

Hila por Jarja, que largou do Líbano por Faia, o bisavô materno, o grande senhor de Açu, de Tão, a capital. Todos os emigrantes a serviço de Faia. Vender mercadoria nos sítios, mala nas costas, cem quilos — chita, seda, agulha, alfinete, lâ, pente, botão, grampo, perfume —, e era um que comprava um metro, outro queria crédito, o terceiro nada. De lá para cá, sem almoço, sem onde dormir. E Jarja, de Tão foi para a cidade de Vari, se radicar sapateiro,

que ali não tinha — fazer sapatão para a gente toda da roça. América! Açú... Vou para lá. Veio, mas rico depressa? Trabalhar como burro. Dinheiro em troca de prosa? “Não dá e nunca dará”, você, Hila, dizia. Nada. Burros de carga e só feijão com farinha, travessia foi do inferno.

Você decerto não pensou antes de emigrar. Moci-nha, 14 anos, chegou Jarja de Açú para se casar — e aí era um só com o outro, colher a uva da parreira, damasco como só tem lá, amêndoas nozes tâmaras, que no pomar da casa havia. Era regar a gardênia, o lilás, a rosa antiga. Sobe e desce a colina de ciprestes, bebe a água da nascente. Ninguém podia dizer nada. Você vai se casar com ele? Quero, vou e pronto. Não passou pela sua cabeça que você ia de um para outro país. Gostava. Pro fim do mundo? Vamos juntos. Com ele, nem que seja para o inferno e você, Hila, já não veria a borboleta branca do bicho-da-seda e não apanharia amoras para a larva, não teria que matar a borboleta recém-nascida para salvar o casulo e com este o fio, aquele ouro que, enrolado no sarilho, formava a meada de que dependia inteiramente a sua vida — a sua e a dos outros na aldeia.

Adeus Kfaryab. Na despedida teu avô, Hila, cerrando os lábios, ficando vesgo, um olho que de repente já não seguia mais o outro. Você viajou. Beirute e só daí o navio para Marselha. Lamentar no trajeto a morte do homem

cujo cadáver foi para o mar. Atracar na França bem longe do porto, desembarcar como pestilenta, logo trancafiada, o barracão, três dias e três noites, ajunta tábuas cobertor colchão... Pegar enfim o navio em alto-mar, de bote, vomitando as tripas, arrebetando de tanto destripar, descer com Jarja para o porão, dormir, acordar, mal se mexer à luz da escotilha. Viaja que viaja, Lisboa benfazeja, comprar a fruta fresca da terra, pêra, uva, maçã, ver então o ananás. Do país Açú, Jarja te disse, entregando o fruto pelo penacho. O pomo desconhecido do futuro, cujo casco era áspero, mas a cor era a do ouro. Mais vinte dias, Hila, e você enxergou Açú Maravilha, contornando talvez ilhas de carapinha verde, só de palmeiras — como pérolas flutuantes das Mil e Uma Noites —, olhando as montanhas, revendo aí o Cedro e a tua aldeia, admirando no céu daquela noite uma lua em forma de adaga como a das miniaturas orientais.

Já em terra, você deu graças e foi para Tão visitar Faia, encontrar os patrícios todos na casa dele em volta de um narguilé, a água borbulhando e o cheiro de jasmim. Foi daí para Vari na maria-fumaça, no trem que soltava fâisca e queimou o teu vestido, a gola de renda guipura, francesa. Importava? Ora... Você arrumou a pluma do chapéu e desceu cumprimentar os conhecidos. *Ahlo sahra!* Almoçar com quem ali “morava em árabe” e se instalar contente — sem

dúvida ignorando que naquele mesmo dia havia sido decretada a Primeira Guerra e o fim do malfadado Império Otomano; sabendo, embora esquecida, que no Cedro você estaria sujeita à desforra do turco.

Podia você não amar Vari, aí não querer ficar criando os seus filhos — cinco, conforme o número de nós contados na primeira placenta pela parteira Inhabé —, aí não lutar até na terra alcançar o céu e ainda lutar, porque do alto a gente cai e se esfrangalha, “fica o casco despedaçado que nem o da tartaruga”, como você dizia, você que veio ao mundo para dar a vida, morrer nunca, e a cada vez que estava condenada renascia do prognóstico, dispensando os chamados órgãos vitais e vivendo, assombrando filhos, netos, bisnetos e tataranetos, você, Hila, que causou o Novo Mundo com o ventre, a sagacidade e a muita paciência, mas sonegou a história, foi América querendo que o passado fosse só o prólogo do futuro e, com isso, me obriga agora a lembrar por você, para recuperar a raiz e assim me separar do grande homem. Sim, do ancestral imaginário, o Doutor, que, já sabendo da multinacional, exigia uma definição. “O seu drama, Seriema, foi o meu... Disso nós já sabemos. Mas então, minha cara? Você propriamente é para quando?”

### Onde Seriema tenta levar o Doutor na conversa

Sim, o Doutor, como Hila, não era de prosa, conversa fiada. À toa que ele diferenciava a palavra plena da vazia? Seminários e mais seminários, resmas e mais resmas de papel para que ninguém ignorasse a diferença entre a palavra que faz acontecer e a outra. Não era para me deixar esvaziar o verbo, tornando-o inconsequente, que ele me recebia. Deixar-se levar na conversa por quem resistia ao divã? Ora! O compromisso, Seriema, de se analisar? A data? Se já havia me aberto, exposto a queixa, falasse agora quando então iria me tratar. Natural. Ajoelhou, rezou.

Mas a reza, no meu caso, implicava a proeza de me transladar de um para outro continente, e eu lá que-

ria? Sem de fato querer. Ai, ai! Meu sol, meu mar... E a empregada então? Sim, a eterna doméstica a serviço, diuturnamente à escuta. Maria me isso, Maria me aquilo. Já, já, Seriema. Maria Preta, sempre de bom humor, disposta até a calçar os meus sapatos para amaciar nos seus pés, mais afeitos à dureza. Viver sem Maria, mais que mãe? Ai! Instalar-me como no tempo as conterrâneas, à beira do Sena com os móveis, as domésticas e até as vacas. Argumento era para adiar a ida? Invoquei tese de doutoramento em curso. Sendo eu uma rica açuana, não era então imperativo que fosse doutora? provasse, me doutorando, ser capaz de duntas palavras, efetivamente dunta, e não uma “simples doutoraça”. *Doctor ergo sum*. Doutoranda, portanto, antes de me tornar analisanda.

Voltas e mais voltas rodopiando como pião até subir no consultório e marcar enfim o ponto.

— Dois anos e eu venho aqui ficar quatro meses

— O quê?

— Uma tese que resta escrever e defender. Dois anos é o tempo necessário

— Hum.

— Quatro meses é o máximo que eu posso ficar, acrescentei, sem justificar o prazo em que me escudava para não estar ali indefinidamente à mercê.

— Bem, até então e não deixe de me escrever, disse o Doutor peremptoriamente, duvidando talvez da minha palavra. A tal açuana de fato voltaria?

Uma análise impossível, era isso que eu lhe pedia, fosse o meu analista sem me analisar. Porque da França eu só desejasse a consagração? o grau concedido pelo renomado Doutor? Ou porque a França fosse o outro país dos cristãos do Cedro? e eu ali estivesse pelos ancestrais, querendo sem de fato querer? A razão me escapa, como se eu a devesse ignorar, o passado se recusasse a entregar a sua chave, me obrigando a orbitar em torno do grande homem, forçando a existir nesse torno.

Uma análise que nunca acontecesse, eu solicitava. O Doutor, por saber do faz de conta e acreditar nas razões do Inconsciente, fez pouco da contradição e aceitou, entrou na minha dança para poder ouvir as minhas cantilenas. Mesmo porque ele não se orientava pela lógica da contradição. “Isso aí”, respondia, quando eu indagava se era verdadeira uma determinada hipótese, e, de novo “Isso aí”, quando eu mencionava a hipótese contrária. De enlouquecer! Uma ou outra?, insistia então desconcertada, já me perguntando quem ali não regulava, logo no entanto me assegurando de que ele era certo da cabeça e concluindo por algum mal-entendido. Uma verdade que não resultasse da exclusão? Impossível,



era preciso cortar e ver rolar a cabeça de uma das hipóteses, e eu, que havia papagueado a tese e sua antítese, custei a perceber que a dialética ali era distinta. Só não desisti, pois, sendo crente de natureza e já tendo frequentado todas as confrarias, não podia perder mais aquele credo.

Até me dar conta de que o negócio do homem era valorizar os dizeres todos, qualquer um e o seu oposto, levei um bom tempo.

Onde Seriema caçoa de seus  
conterrâneos sorbonícolas  
os papagaios loiros de Açu

O negócio dele estava na cara. Eu, no entanto, só queria o que a ideia desmascara. Olhos para não ver, ouvidos para só escutar uma espécie de mutante, o papagaio loiro, um açuano que não suportava o trópico. Casa? Onde a luz não penetrasse. Quarto? Se possível sem janela. Cama? Baldaquino e mosquiteiro. Natureza? Só à sombra de uma árvore, entre macacos amansados e papagaios que, em vez de palavras tupis, repetiam frases latinas e francesas, pois que a França, sendo a pátria universal dos insurretos, era a destes mutantes. Vestimenta do loiro? Variando do negro ao cinza. Conforme o imperativo de Verlaine: *Pas de couleur, rien que la nuance!* Função? Pedagógica. As mais variadas dis-

ciplinas, porém, de sorte a ensinar sempre o que é Ideologia, separar o joio do trigo. Convicções? De que a revolução aconteceria — embora o sexo do nosso povo fosse a paciência — e nós um dia voltaríamos a falar uma língua atenta à gramática, contrária aos neologismos, mas novamente capaz de palavras como observância (no lugar de observação) ou manutenção (no lugar de manutenção), uma volta que se “inscrevia” entre as prioridades nacionais — “tarefa prioritária” —, exigia o “labor” de todos e havia enfim de “instaurar” no trópico a civilização.

Queria ver o país entregue a estes heróis civilizados, que regularmente despontavam papagueando no céu da pátria para nos salvar.

Verdade que os mutantes perdiam a fala sempre que o mundo lhes faltava em demasia. Isso lá me importava? De somenos, e eu jamais teria dado a devida importância ao fato não fosse o Doutor, que sub-repticiamente datava as minhas origens do Carnaval, dançava a valsa vienense, mas também apreciava o rebolado, insistia que Açú é um sonho de França e esta deveria se tornar mais açuana. “Ah, minha cara, tanta regra que é impossível não cometer gafes”, sempre culpados de alguma coisa, *mea culpa, mea culpa*, o que, além de enfadonho, é uma verdadeira neurose. Se não for uma psicose!

Tivesse eu prestado atenção teria logo dado ao papagaio loiro a banana de que precisava para se fortalecer:

Sim

*Yes*

*oh yes, nós temos bananas!*  
*bananas oi para vos dar e vender*

*Oui*

*oui*

*oui, papagaio nosso do bico dourado!*  
*banana, oh menino, tem vitamina*  
*nanica que seja*  
*ouro ou maçã*  
*banana eu garanto*  
*em dúzia ou em penca*  
*fruta nativa, o verde-verde ou o amarelo*  
*banana, menino*  
*oh, eu lhe garanto*  
*ela engorda e faz crescer*

Onde Seriema volta ao seu país para  
descolar um diploma de doutora  
Evocação de Jarja, o avô paterno

De tempo eu precisaria para dar ao papagaio loiro a tal banana.

“Bem, minha cara, e não deixe de me escrever”, repetia saindo do consultório, depois de ter me comprometido a voltar por quatro meses. “Minha cara, caríssima”. O Doutor então estava comigo, *be bop a lula she’s my baby, be bop* Paris para me festejar. Pont des Arts Pont Neuf das conversadeiras e dos mascarões, estátua de bronze equestre, os anjos todos das fachadas, procissão de anjos para se ver toda hora e não só em dia solene de procissão... Notre-Dame, a dama nossa de cada dia, dá-me essa tua renda de pedra, as torres de bilro. O sino, cadê? o corcunda já não toca? era

dim da la lão? ding dong! ding dong! *Frère Jacques, dormez-vous? dormez...* Só quem agora toca é o homem que dedilha absorto o piano no adro da igreja — a ele não importa o verde bronze, a estátua de Carlos Magno. Será grega a cruz da coroa? Dois gumes tem a arma cortante na mão do escudeiro — acaso uma francisca? Toca o homem do piano e o japonês autenticamente nipônico — ele vira a cabeça à força de mal poder virar os olhos — vira, vira nem o sósia ele alcança, o mimo latino-americano vestido de quimono, nem o saltimbanco sob este céu de facho rubro que o anjo abençoa... São Michel, ele vence impávido o diabo e o grifo — a água jorra e a fonte continua. Dá-me, Baco, este vinho da vitória, os vinhos todos e também os outros licores... A vitrine da *charcuterie* parece uma *ikebana*. Compro e levo já este mingau cor-de-rosa? Salmão em papa para te salgar, o amarelo citrino — papa doce de limão —, nozes, amêndoas e castanhas, morango em torta, desacompanhado ou não, sem ou com *chantilly*. Queres? alguns poucos francos e este céu é teu. Vai, leva...

Podia-se ali andar cabisbaixo? pescar alguma depressão? Teria tempo em quatro meses de ver tudo? comer de tudo? Queijo ali era prato de queijos, no plural! Brancuras de leite e outros mais para o mel, cheiros de que eu nunca havia suspeitado. Paris seria o Doutor me iluminando como

um clarão, o santo homem, que parecia ter estado sempre à minha espera — cabeleira branca igual prata rutilante de lei, o passo lento e um sorriso indulgente. O que não tinha sexo e não era um anjo.

Sim, eu voltaria, saber dos caminhos. Tomar o avião significava me separar de mim que ali andando voava. Nas nuvens pisaria na terra, já enredada no cotidiano de um país em que apesar do “meu mar, meu sol” eu não me situava. *Açuanii*, dizia Hila para designar os nativos, fazendo depois um duradouro muxoxo, indício de um sentimento negativo que ela jamais ousaria afirmar e que nos fazia enxergar o seu nevo preto plantado no meio do lábio inferior. O que ia eu de novo fazer entre os *açuanii*, a 10 mil quilômetros do Doutor?

A neta como a avó, como você, Hila, espelho meu, e assim, por te amar, eu não percebia como era racista o teu *açuanii*. Açú sem os nativos, você desejava. Verdade que para eles você era uma turca e o racismo, uma face da América. Não teria havido outra forma de reagir? O meu conterrâneo na ponta do teu sabre! Mas podia eu, que te amava, não tomar o teu partido contra os outros? não perpetuar a diáspora, atirando-me no divã do grande homem? Nenhuma palavra é inocente, com *maktub* você me negou a história, com *açuanii*, a pátria. Pouco?

O fato é que eu no avião para Açú me estranhava como nunca. A tese que adiava Paris agora parecia irrisória. O título, no entanto, era um imperativo. Doutora para estar no pódio dos campeões, como havia desejado o pai. *Mens sana in corpore sano*, declarava ele, cronometrando as idas e vindas da futura heroína na piscina olímpica, ensinando a competir e a só conceber a vitória. Doutora para não ser “dona” como as outras, escapar à condição do meu sexo, que o pai exaltava contra os ventos malévolos do tempo, evocando Joana d’Arc à frente de várias legiões. O título garantia o pódio, servindo de armadura! Doutora para também fazer o país, vencer a maldição de que naquela terra farta viveria um povo infeliz. Doutora, outrossim, para pagar dívidas que não havia contraído. Brilhar no céu da pátria, salvá-la ou morrer!

Bem ou mal, eu, Seriema, ia agora me doutorar. Paris? Só depois. Quem espera sempre alcança, diz o provérbio, cujo efeito funesto deduzi nos meses de “pesquisa de campo”. Não era então por acreditar naquele dito que a gente da terra vivia esfomeada dando à luz filhos mortos, acolhidos por esculápios tão indiferentes à vida quanto os generais? Nenhum doutor que alardeasse os malefícios da subnutrição. A honra conferida pela tese era mórbida.



Cumpri a toga como se batesse ponto, dispensando o fotógrafo na investidura e também a festa. No ato de me equiparar aos campeões, separava-me deles e, insensivelmente, do pai.

O Doutor, só ele eu agora queria, uma outra verdade. O futuro dependia de uma nova memória do passado. Quem fui eu que não posso mais ser quem sou? Lembra dos antepassados e de como fomos, para saber, teria respondido Jarja, que, por vergonha das origens, estava e ficou esquecido. Sim, o avô, o pai do pai, que agora precisa ser lembrado — para que eu possa mais me desligar do Doutor, desacorrentar-me como quis Jarja um dia: “O mar então não é meu? O verde-água aos meus olhos cintila e me embala. A onda que me leva antecipa o texto futuro. Outro céu eu verei. Gaivotas haverá no país dos coqueirais? Ao Atlântico! Outras gradações, novas estrelas. A mesa farta nas terras férteis de Açul!”.

Jarja, o visionário e o contador... Os reinos do lírio e do papiro, do Nilo e dos faraós, obeliscos solares, pirâmides e a esfinge, sua guardiã... As histórias que já pela origem eram mágicas, pela travessia dos tempos e dos mares, pequenas pérolas antigas que ele entregava em nossa língua e no árabe, que se insinuava como mistério... Os reinos, a história, o idioma das cortes nababescas se desve-

lando como odalisca para nos fazer mais imaginar e ainda querer... O ouro e a prata naquele arabesco narrado que cintilava — diamantes incrustados, safiras, esmeraldas e rubis. Palácios de ônix e de mármore branco em que iam as passadeiras ao encontro das princesas, interiores resplandcentes de seda e brocado, jardins de árvores que reluziam pelos seus pomos de cristal, riachos em que os nenúfares escreviam versos brancos pela glória do califa, alamedas de ciprestes em que vagávamos sem medo, certos de que ao alcance da mão estava a lâmpada de Aladim. O Oriente do Oriente, mas também do Ocidente — Andaluzia, *al Andalus*, a Espanha das cidades fortificadas que não se podem tomar. Alhambra, *aquala hamra*, o castelo vermelho da cor da tocha, infinitos miradores, pátios como oásis, jardins de mirta, as águas jorrando, refletindo, marulhando, cortes em que os poetas eram semideuses e um bom verso equivalia a um vizirato. Civilização, astronomia, astrologia, trigonometria, álgebra — de origem árabe — al-mofada, al-moço, al-mofariz, as palavras todas começadas por *al*, árabes como açúcar de *sukkar*, laranja, de *narany*.

Jarja das histórias e dos silêncios... horas longas na poltrona da venda, antessala da sua casa, ler quando aí não comerciava arroz, algodão, café, aí não classificava o arroz do grão inteiro e do quebrado, o café liso e o da casca en-

grouvinhada. Jarja silente na venda ou no quintal, semeando a horta de que Hila tirava as verduras e os temperos, regando as parreiras onde brilhava o verde-limão das uvas prometidas e o cheiro de goiaba se espalhava — goiabada de Inhá Preta, preta velha eternamente debruçada sobre o tacho, a quituteira Maria José... Quietos Jarja porque o homem fala e o sábio cala? Ou simplesmente porque assim estava fora de perigo e nunca ninguém se arrependeu de calar, conforme dizia a avó? De paz ele era. O sabre na tua banheira enquanto puderes te defender com palavras. Confronto houvesse, ele queria a vitória. Fosse negro o filho, porém na luta o vencedor.

Jarja sabia da guerra. Verdade que o tempo dele havia sido de paz — melquitas, greco-ortodoxos, maronitas, sunitas, xiitas comungando no mesmo culto dos negócios. Uma só divisa: VÁRIOS DEUSES, UM SÓ COMÉRCIO. Sim, mas esquecer 1860? *Al Haraq*? o massacre dos cristãos pelo druso, que o turco otomano covardemente incitava a matar? *Deir el Kamar*, os recém-nascidos no sabre, moças violadas, mulheres desventradas. Na rua a carnificina e no templo o ultraje, o druso fazendo suas imundícies — urinar nos vasos sagrados e pisotear injuriando os santos católicos. Podia esquecer o padre escalpelado “para que se renovasse assim a tonsura”? E a atrocidade de lhe cortarem os dedos,

enfiando-os depois na boca — “toma e come, este é o corpo do teu Deus”? *Al Háraque, Deir el Kamar*, disse o avô só ouvia falar. Já a interdição de montar a cavalo ou andar à direita na calçada ele sofreu. *Ishmel, ishmel* cristão, à esquerda! O país não era possível. Jarja sabia. Viver ali à mercê do turco? ser arregimentado para a guerra do outro? Um estrangeiro em sua cidade, destinado a emigrar, colher o pomo da saudade. Sim, recordar-se do Líbano. O cedro, a árvore mãe dos fenícios — madeira vermelha imputrescível, folhas verde-mar, botão da cor do céu, flores amarelas e fruto de asa longa. Os cimos eternamente coroados de neve, os rochedos escarpados e os precipícios insondáveis onde a torrente deságua — cascatas que jorram prateando o flanco das montanhas sob o sol do Oriente... Jarja largou do Cedro, que não era dele, pelos cimos que havia de conquistar. Rotulado primeiro de imigrante, viveu depois sem medo de suas origens religiosas e saiu de cena no comando de vários negócios!

Não amar Vari, que lhe deu uma vida de paz e o acolheu no cemitério à sombra de um ipê? Amar menosprezando, lamentando o perdido país, se omitindo sobre a guerra e os seus efeitos — a morte e a emigração —, cegando-se para a existência trágica de Iana que, por ter emigrado, enlouqueceu, a bisa, sua mãe, que só saía do quarto envolta num lençol branco, bater o quibe no chão de ladri-

lhos, pilão entre as pernas, ou reaparecer bem longe de Vari, numa estação de trem qualquer “ir embora para o Líbano”. Não, Jarja, você não proferia o *açuanii* de Hila, porém, se vangloriava dos seus 4.000 anos de tradição, opondo-os aos 400 dos nativos. América você foi, sendo tão xenófobo quanto quem te chamava de turco.

À diferença da avó — *maktub* —, você ofereceu o passado, só que o deturpou e desvalorizou Açú. Podia eu escapar ao Doutor? não ter procurado na França o meu lugar? Sim, você me negou a própria terra, foi América só exaltando o país originário, o Cedro, onde você sonhava com um sítio impossível — um sítio onde seriam sempre viridentes os matos, as ervas e os prados, a água brotaria da fonte de Juventa e o maná cairia do céu.